

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 16 - Educação, Diversidades, Diferenças e Inclusão Social

Quando a juventude ocupa o palco: o Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA) como espaço de construção de sentidos entre cultura, escola e identidade juvenil

Marlon Renan Graça¹

Rhayssa Gonçalves Vieira²

Kelem Ghellere Rosso³

¹ Mestrando em Ciência, Tecnologia e Sociedade - IFPR, Educador Social, agência financiadora IFPR, marlonfenix4@gmail.com

² Licenciada em Ciências Sociais - IFPR, Fundação Araucária - PIBIC, rhayssagoncalves11@gmail.com

³ Doutorado, Docente, IFPR, kelem.rosso@ifpr.edu.br (orientadora).

INTRODUÇÃO

Este artigo traz a síntese das investigações realizadas como parte do projeto de pesquisa “*Ensino de Sociologia e escola: a condição juvenil no centro do debate*”, que tem como problemática a relação entre Juventude e Escola, suas tensões e desafios, a partir da sua intersecção com o Ensino de Sociologia. O trabalho que aqui se apresenta analisa o Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA) como uma experiência educativa marcada pela disputa de sentidos da escola, em torno da diversidade cultural, das diferenças juvenis e dos processos de inclusão no espaço escolar, especificamente nas instituições do litoral paranaense.

Realizado entre 2004 e 2010, pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), na gestão do Secretário Maurício Requião, o FERA constituiu-se como uma política pública que introduziu práticas artísticas e culturais no cotidiano da escola pública. O evento se organizou, inicialmente, fomentando a organização de grupos artísticos estudantis, com vistas a se apresentar no encontro estadual do FERA, e como resultado das etapas de seleção divididas conforme as regionais administrativas da SEED. O primeiro desses encontros foi realizado na cidade de Paranaguá, no litoral paranaense, em 2004, e, além das apresentações selecionadas, o Festival se propôs a ser espaço de formação, com a oferta de oficinas e shows com profissionais da arte voltados para os estudantes e trabalhadores da educação.

Aqui entendemos que o FERA, ao chamar ao palco coletivos e grupos de arte estudantis, promoveu a visibilidade de linguagens juvenis historicamente marginalizadas, como as vinculadas à cultura Hip-Hop, à dança e à expressão corporal. Assim, a pesquisa tem como objetivo compreender como essa experiência foi significada pelos sujeitos envolvidos no Festival, articulando duas perspectivas: a de estudantes participantes e a de professores que atuaram na mediação pedagógica do projeto.

Para superar a escassez de registros do FERA e análises sobre seus impactos, partimos dos relatos daqueles que participaram do Festival como estudantes para identificar os professores que atuaram em sua época na construção do projeto. Como fonte de pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores e estudantes egressos da rede pública estadual que participaram do FERA no litoral do Paraná. Ao todo, contamos com entrevista de cinco jovens e dois professores, ambos ainda atuantes na rede estadual de ensino. No roteiro voltado aos egressos, foram abordados os seguintes temas, abordados a partir do vínculo com o Movimento Hip-Hop: educação, trabalho, participação política/questão social e território. Dessas entrevistas, extraímos para este trabalho as menções

sobre o FERA e seus impactos nas trajetórias dos entrevistados/as. Já no roteiro dos professores, dividiu-se em quatro blocos temáticos: processo de participação no FERA; relação juventude, escola e cultura; aprendizados do FERA; educação e arte e formação social; impactos do FERA na relação estudantes-escola.

A análise das narrativas evidencia que, para os estudantes, o Festival representou uma ruptura com a lógica escolar tradicional, ao reconhecer práticas culturais frequentemente ligadas à periferia, ao corpo e à juventude como formas legítimas de expressão e conhecimento, assim como também operou como motor para as trajetórias estudantis e laborais dos participantes, extrapolando o espaço escolar e construindo um ciclo cultural, influenciando escolhas profissionais, inserção no mundo do trabalho e engajamentos comunitários.

Para os professores, o Festival aparece como um espaço ambíguo: ao mesmo tempo em que amplia possibilidades pedagógicas e promove a inclusão simbólica de sujeitos de alunos e professores e culturas diversas, também expõe tensões institucionais relacionadas ao currículo, à hierarquização dos saberes e à permanência de desigualdades no interior da escola. Os relatos indicam também que a participação no FERA contribuiu para o fortalecimento do sentimento de pertencimento escolar, para a valorização de identidades culturais e para a ampliação das experiências de alteridade, ao promover o encontro entre jovens de diferentes territórios e trajetórias sociais. Observam-se ainda desdobramentos que ultrapassam o evento em si, uma vez que parte dos participantes manteve vínculos com práticas culturais, educativas ou comunitárias, apontando para impactos formativos de médio e longo prazo.

Ao evidenciar essas experiências, o estudo permite compreender o FERA como um espaço no qual se tornaram visíveis disputas em torno do reconhecimento da diversidade cultural e das diferenças juvenis no interior da escola pública.

Docência, mediação e prática pedagógica: interpretações do FERA a partir das experiências docentes

A análise da perspectiva docente no contexto do Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA) permite compreender a escola como um espaço de construção de sentidos, no qual se articulam cultura, juventude e práticas pedagógicas. As reflexões aqui apresentadas têm como base entrevistas semiestruturadas realizadas com dois docentes da rede pública estadual do

Paraná que atuaram no processo de organização local do Festival - professor Hermes e professora Regina⁴ -, cujas narrativas possibilitam apreender como essa experiência foi significada no interior das práticas escolares. Ao considerar os professores como sujeitos que interpretam, negociam e ressignificam tais experiências no cotidiano escolar, evidencia-se que a docência ultrapassa a dimensão técnica do ensino, configurando-se como uma prática situada, relacional e atravessada por disputas simbólicas.

Essa perspectiva, inclusive, dialoga com a Pedagogia das Juventudes (NONATO; DAYRELL, 2016), ao reconhecer os jovens como sujeitos produtores de cultura e sentidos, cujas experiências tensionam as formas tradicionais de organização da escola. Nesse contexto, o FERA emerge, nas narrativas docentes, como um espaço privilegiado de encontro entre essas dimensões, ao introduzir no cotidiano escolar linguagens culturais historicamente marginalizadas, como aquelas vinculadas à cultura Hip-Hop, à dança e à expressão cultural.

A partir das falas dos docentes entrevistados, observa-se que o FERA possibilitou o deslocamento das práticas pedagógicas tradicionais, ao possibilitar a inserção de novas formas de expressão no espaço escolar. Mais do que ampliar atividades, trata-se da produção de novos sentidos sobre o que é conhecimento, cultura e aprendizagem. Nesse projeto, os professores assumem um papel central, atuando como mediadores entre as experiências culturais juvenis e as estruturas institucionais da escola.

Como aponta Candau (2008), a incorporação da diversidade cultural na educação exige que as diferenças sejam reconhecidas como constitutivas do processo educativo. Tal dimensão aparece de forma evidente nas narrativas, como na fala do professor Hermes, ao afirmar que “manifestações como o Hip-Hop, a capoeira, o funk... não precisam pedir pra abrir espaço porque isso faz parte da cultura dos alunos. Elas vão chegar, elas estão dentro da escola” (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025). A afirmação desloca a compreensão da escola como única produtora de saber, reconhecendo que os estudantes já carregam consigo repertórios culturais que atravessam o espaço escolar, ainda que nem sempre sejam legitimados. Nesse sentido, a docência se configura como um espaço de mediação e negociação, no qual os professores precisam lidar com a tensão entre reconhecer essas práticas e atender às exigências institucionais. As contribuições de Carranza, Siqueira e Silva (2017) auxiliam na compreensão desse processo ao apontar o Hip-Hop como uma pedagogia que articula cultura, identidade e formação social, funcionando como ponte entre as experiências juvenis e o conhecimento escolar.

⁴ Os entrevistados/as autorizaram o uso de seus nomes reais.

Além da dimensão cultural, as narrativas também evidenciam que o FERA operava como um espaço de construção de horizontes de futuro para os estudantes. Ao refletir sobre esse aspecto, o professor Hermes destaca que o Festival se inseria em um contexto de “crescente de políticas educacionais que ampliassem o protagonismo do aluno dentro de um processo que ia desaguar na Universidade”, contribuindo para a construção de expectativas de continuidade dos estudos. Segundo ele, “você conseguia reunir movimentos e também oportunizar que outros movimentos surgissem a partir do convívio com essas situações” (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025).

Essa dimensão evidencia que o FERA não apenas promovia a valorização das expressões culturais juvenis, mas também contribuía para a produção de sentidos relacionados ao pertencimento, à trajetória escolar e às possibilidades de inserção social. Nesse contexto, a escola passa a ser percebida como um espaço de experiências significativas, no qual os jovens podem se reconhecer como sujeitos capazes de construir seus próprios caminhos.

Retomar a experiência do FERA com os sujeitos da pesquisa, permitiu contrastá-la com o cenário educacional contemporâneo, quando os docentes apontam para um processo de esvaziamento das práticas escolares, no sentido oposto ao que se construiu no contexto do FERA. A crítica de Hermes é contundente ao afirmar que “hoje, dentro do estado do Paraná, nós não formamos alunos, nós formamos crianças que respondem questionários de múltipla escolha” (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025), evidenciando a predominância de uma lógica educacional baseada na padronização e na centralidade de avaliações quantitativas.

Essa crítica revela a tensão entre uma educação voltada para a formação crítica e outra orientada por lógicas tecnicistas, nas quais a construção de sentidos tende a ser reduzida a resultados mensuráveis. Nesse contexto, a docência se configura como um espaço de disputa, no qual os professores buscam manter práticas que valorizem a criatividade, a expressão e o pensamento crítico. Como aponta Hermes, “enquanto resistência, nós estamos fazendo eles desenhar e pintar”, evidenciando que a prática docente envolve estratégias de enfrentamento e reinvenção no cotidiano escolar (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025).

Essa noção de resistência também se articula às reflexões da professora Regina, que destaca o papel do conhecimento na formação cidadã:

“Porque, como a gente sempre diz: conhecimento é poder - não o poder que oprime, mas o poder que dá autonomia, que permite argumentar, se defender, compreender o mundo. E isso tudo ajuda na formação do cidadão - que era justamente a ideia do projeto FERA: formar cidadãos críticos, conscientes,

responsáveis. [...] Quanto mais você diversifica o trabalho pedagógico, mais você amplia a capacidade crítica dos alunos, mais você os convida a refletir, a questionar. E isso, infelizmente, é visto por alguns não como um processo de formação cidadã, mas como algo perigoso.” (KUVADA, 2025)

A fala evidencia que a concepção educacional está profundamente atravessada por disputas políticas e institucionais, nas quais diferentes projetos entram em confronto. Ao destacar que práticas voltadas à formação crítica podem ser percebidas como ameaçadoras, a docente explicita o caráter contraditório dessas dinâmicas, nas quais a promoção da autonomia e da reflexão entra em tensão com modelos baseados na hierarquia e na padronização.

Por outro lado, as narrativas também indicam que o FERA possibilitou processos significativos de resignificação da prática docente, especialmente ao incorporar dimensões como o corpo, a arte e a experiência no processo educativo. Nesse sentido, as práticas desenvolvidas no contexto do FERA contribuem para ampliar o reconhecimento dos estudantes enquanto sujeitos produtores de conhecimento, deslocando a centralidade exclusiva da dimensão cognitiva.

Essa dimensão dialoga com as reflexões de Dias (2018), ao compreender o corpo como espaço de memória e produção de saberes, especialmente no contexto das culturas periféricas. Assim, ao incorporar essas práticas, a escola amplia suas possibilidades formativas, contribuindo para a construção de concepções mais plurais sobre o que significa aprender e ensinar.

A análise das narrativas docentes permite também compreender o FERA como um espaço de reconfiguração das relações pedagógicas, no qual se produzem deslocamentos não apenas nos conteúdos trabalhados, mas nas próprias formas de interação entre professores e estudantes. Ao incorporar práticas culturais juvenis no cotidiano escolar, os docentes passam a reconhecer os alunos não apenas como receptores de conhecimento, mas como sujeitos ativos na produção de saberes, o que contribui para a construção de relações mais horizontais e dialógicas. Esse movimento, ainda que situado e atravessado por limites institucionais, aponta para a possibilidade de construção de práticas pedagógicas mais sensíveis às experiências juvenis. A atuação dos professores, nesse processo, evidencia tanto as potencialidades quanto as contradições de uma educação que busca dialogar com as culturas juvenis, revelando a docência como uma prática central na produção de significados, na formação de sujeitos e na transformação das relações no interior da escola.

Construção de trajetórias e formação de novos agentes culturais: a perspectiva estudantil

Para a análise da perspectiva discente, foram entrevistados cinco egressos da rede pública estadual, das escolas de Paranaguá, que tiveram suas trajetórias formativas impactadas pelo FERA. Embora de gerações distintas, eles têm em comum a experiência de atuação no Grupo Fênix, criado em 2007, e que se dedicou por 17 anos às danças urbanas.

A análise dessas entrevistas permitiu compreender o evento como uma experiência formativa que ultrapassa o espaço e o tempo escolar, configurando-se como um importante motor de trajetórias artísticas culturais e profissionais. Ao repensar suas participações no Festival, os entrevistados evidenciam que o FERA não se restringiu a um evento pontual, mas operou como um marco em seus percursos, especialmente no que se refere ao contato com linguagens culturais e à construção de um horizonte de vida.

O FERA também teve papel na constituição de experiências artísticas e culturais que perduram ao longo das trajetórias dos sujeitos, assumindo um lugar de destaque, sobretudo no que diz respeito ao movimento Hip-Hop em Paranaguá. Nesse sentido, o Festival contribuiu para tornar viva a relação entre arte, educação escolar e sociedade, possibilitando aos estudantes vivenciarem experiências que extrapolam os limites da sala de aula. Trata-se de uma experiência que, ao mesmo tempo que ocorre no interior da escola, desloca suas formas tradicionais de funcionamento ampliando o espaço e o tempo escolar e fomentando discussões sobre o sentido da arte no cotidiano, o papel da cultura na formação cidadã e a valorização das práticas interdisciplinares.

A inserção dos jovens em circuitos culturais e na constituição de redes de sociabilidade que sustentam a continuidade dessas práticas também foi relatada. A fala de Wellington Quinto explicita esse processo:

Durante esse período, a gente chegou a participar do FERA, o Festival de Arte da Rede Estudantil. Foi lá que conheci o professor Octávio Nassur e o Thiago Fernandes, numa oficina de Hip Hop que eles estavam ministrando. A partir desse contato, começamos a trocar ideia pela internet — na época era pelo MSN e Orkut. A gente foi se aproximando, e eles sempre me incentivavam: “Monta um grupo aí na tua cidade, participa dos festivais”. Essas conversas começaram a plantar uma semente em mim, e daí nasceu a ideia de dar continuidade àquilo que a gente já vinha fazendo no colégio, mas agora de uma forma mais estruturada e independente. (QUINTO, 2025)

A narrativa evidencia que o Festival atua como um espaço de articulação de encontros, trocas e incentivos que produzem desdobramentos concretos nas trajetórias dos jovens. A partir dessas interações, os estudantes passam a acessar novas referências culturais e a se inserir em redes que possibilitam a continuidade de suas práticas, indicando que o FERA não apenas promove experiências pontuais, mas também contribuiu para a formação de coletivos e iniciativas culturais no território.

Além disso, os relatos indicam que o FERA possibilita a construção de novos horizontes de futuro, ao apresentar aos estudantes trajetórias e possibilidades profissionais até então pouco visíveis (ROSSO, GRAÇA, 2025). A experiência com oficinas, artistas e educadores contribuiu para que os jovens reconhecessem determinadas práticas culturais como campos possíveis de atuação e formação. A fala de Isabelle Geraldi evidencia essa dimensão:

Mas foi no FERA que conheci o Hip Hop de verdade. Lembro que minha primeira aula de Hip Hop foi com o Octávio Nassur. Quando tive essa aula, pensei: ‘É isso. É isso que eu gosto, é o Hip Hop. É com isso que eu quero me formar, quero me aprofundar. A aula foi parte de uma oficina do FERA. O Nassur, naquela época, já era um dos grandes coreógrafos do Brasil. Hoje em dia ele trabalha mais com consultoria e como jurado, mas continua sendo uma grande referência. Eu fico pensando: poxa, minha primeira aula de Hip Hop foi com ele! É muito especial. Tanto eu quanto o Wellington tivemos essa primeira experiência com o Nassur, por meio dessas oficinas do FERA. Era um evento que acontecia em várias cidades, e a gente ficava uns quatro dias fora, só vivendo dança — fazendo oficina o dia todo, ganhando certificado no final. Tive a sorte de participar de várias edições: lembro que a primeira foi em Curitiba, depois teve em Maringá, Cornélio Procopio, e a última que participei foi aqui mesmo em Paranaguá. (GERALDI, 2025)

Aqui a contraposição entre cultura periférica e escola se desfaz. Pelo contrário, é por meio da escola que o Hip-Hop, a exemplo do nosso caso, pode ser institucionalizado e alcançar jovens que até então estavam afastados dessas expressões. A própria continuidade dos estudos passa a ser impulsionada por essa articulação entre escolarização da juventude e sua produção cultural.

A experiência relatada evidencia o caráter intensivo e imersivo do Festival, no qual os estudantes vivenciam práticas culturais de forma contínua, deslocando-se da lógica fragmentada do cotidiano escolar. Esse mergulho nas atividades artísticas contribui para a construção de identificações, interesses e projetos, configurando o FERA como um espaço de

experimentação e descoberta. Nesse sentido, o festival atua como um ponto de inflexão nas trajetórias juvenis, a partir do qual determinadas práticas deixam de ser apenas interesse e passam a ser compreendidas como possibilidades concretas de formação e atuação.

E para além dos impactos diretos nas trajetórias dos participantes, as narrativas também evidenciam como as experiências vivenciadas no FERA produzem desdobramentos em outros espaços educativos, indicando a continuidade e a circulação dessas práticas culturais ao longo do tempo. A entrevista com Letícia Bello Pingueli permite observar esse movimento:

Na verdade, eu sempre fui aquela menina meio tímida. Eu nunca fui muito de falar. Eu sempre fui aquela menina que é queridinha dos professores na sala de aula, né? E aí eu fui pro Bento na quinta série, aí teve um projeto, o Mais Educação, do governo⁵. E aí foram contratados os professores para dar aula nas escolas. Eu lembro que era quinta série e eu já cheguei na escola estadual e já começou a ter o projeto e eu já ingressei no projeto. Eu lembro que tinha várias oficinas e uma delas era dança e ali eu já: 'legal!'. Eu sempre gostei de dança, teatro... e já entrei ali mesmo. E foi ali que eu conheci o Fênix, na escola, no projeto Mais Educação. A professora na época era a Isabele Cristine Geraldi. [...] Ela foi a minha professora. Eu lembro até hoje da primeira aula, porque eu vidrei assim, eu adorei. E eram muitas alunas, então eu fiquei, eu lembro que eu fiquei lá atrás, encolhidinha lá no fundo, e com o tempo alguns alunos já foram se dispersando, e aí ela me encontrou ali no meio deles. (PINGUELLI, 2025)

O relato evidencia o momento de inserção de novos sujeitos nas práticas culturais, destacando a escola como espaço de acesso à dança e ao Hip-Hop. No entanto, o elemento central deste relato está na figura da professora responsável pela oficina: Isabele Cristine Geraldi, anteriormente mencionada como participante do FERA. Esse dado permite compreender um movimento de continuidade, no qual sujeitos que vivenciaram experiências formativas no Festival passam, posteriormente, a atuar como mediadores culturais em outros contextos educativos.

Nesse sentido, observa-se que o FERA contribui para a constituição de processos formativos que perduram no tempo, produzindo novas experiências e ampliando o alcance dessas práticas culturais. A trajetória de Isabele, que transita da condição de participantes do

⁵ Criado em 2007, o programa visava a “indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.” (Fonte: <https://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>. Acesso em: 15 de junho de 2025)

Festival para a educadora no Programa Mais Educação, evidencia como essas experiências podem ser apropriadas e ressignificadas dando origem a novos ciclos de formação. Assim, o Festival não apenas impacta trajetórias individuais, mas também contribui para a formação de agentes culturais que atuam na difusão e na continuidade dessas práticas no território.

Além disso, a fala de Letícia também evidencia dimensões subjetivas importantes, como o processo de identificação e pertencimento. Ao se descrever como uma aluna tímida, que inicialmente ocupava um lugar mais retraído, a entrevistada aponta para a importância dessas experiências na construção de vínculos com a prática artística e com o espaço escolar. O reconhecimento por parte da professora, ao encontrá-la entre os demais alunos, reforça o papel dessas iniciativas na inclusão de sujeitos que, muitas vezes, não encontram espaço de expressão nas dinâmicas escolares tradicionais.

De modo mais amplo, as narrativas analisadas permitem compreender o FERA como um espaço enriquecedor do cotidiano escolar ao incorporar práticas culturais que articulam corpo, expressão e coletividade, ampliando os sentidos atribuídos à escola e ao conhecimento. Ao promover o encontro entre diferentes sujeitos, linguagens e territórios, o Festival contribuiu para a valorização da diversidade cultural e para a construção de experiências educativas mais significativas para os jovens.

Por fim, observa-se que os impactos do FERA se estendem para além de sua realização, influenciando trajetórias individuais e coletivas, bem como contribuindo para a consolidação de práticas culturais no território. Seja na formação de grupos artísticos, na continuidade de suas experiências nesse campo e/ou na atuação de seus participantes como educadores, o Festival se configura como uma política pública que não apenas amplia as possibilidades educativas, mas também produz efeitos duradouros na vida dos sujeitos envolvidos, evidenciando a potência das articulações entre cultura e educação na construção de trajetórias juvenis mais plurais e significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas do decurso do projeto de pesquisa mencionado, permitiram lançar luz sobre um momento educacional na rede pública do Paraná que marcou significativamente a trajetória tanto de estudantes quanto dos trabalhadores da educação. O FERA foi, neste sentido, um desses espaços que compõem aquele cenário, em que as políticas educacionais se aproximavam de uma perspectiva integral e diversa de formação humana. Ao

levar ao palco as expressões artísticas dos seus estudantes, além de ampliar o conhecimento sobre as diferentes manifestações culturais presentes no cotidiano do povo paranaense, o Festival permitiu entender a escola como campo de fortalecimento da identidade juvenil e docente.

A motivação para investigar o FERA veio do reconhecimento, no decorrer da pesquisa, por parte dos integrantes do Movimento Hip-Hop de Paranaguá, sobre a sua importância como articulador e fomentador desse gênero na região, estando ainda presente na memória daqueles que puderam participar direta ou indiretamente de suas atividades. A partir dos relatos, podemos afirmar que as políticas educacionais daquele momento, somando-se aqui o Programa Mais Educação, também mencionado, além de ressignificar o papel da escola, contribuíram para o entendimento da Arte como caminho possível de profissionalização. O que mostra a importância do “papel do Estado na ampliação, institucionalização e formalização desse campo de atuação” (ROSSO, GRAÇA, 2025, p. 18).

Ao entrevistar os docentes, mostrou-se que a memória do FERA evoca um tempo que contrasta frontalmente com o cenário atual das escolas paranaenses, de avanço da militarização das escolas; intensificação do trabalho por meio da plataformização do ensino; privatização da gestão escolar; burocratização do uso do espaço escolar. Modelo de gestão educacional que levou para o isolamento da escola em relação à comunidade, a redução do seu papel no processo de formação dos estudantes e, por consequência, um espaço de adoecimento dos seus profissionais. Assim, como concluímos em pesquisa anterior: “A escola, cada vez mais pressionada por lógicas tecnocráticas e avaliações padronizadas, encontra dificuldades em dialogar com as demandas, linguagens e afetos dos jovens.” (ROSSO, VIEIRA, 2025, p. 6). E podemos acrescentar aqui, também o impedimento às demandas dos seus trabalhadores.

Nas falas daqueles professores que participaram e vivenciaram o FERA, evidenciou-se a imagem de um momento em que o projeto de educação possibilitou tornar o espaço escolar significativo também para o trabalho docente. Uma memória saudosa das potencialidades da escola e do seu próprio ofício enquanto educadores. Um momento de valorização da educação e daqueles que compõem a comunidade escolar, numa concepção ampliada, em que os artistas, por exemplo, também são considerados educadores. Assim, os impactos de um projeto educacional que preconiza o pertencimento, vão também à esfera política. Como recorda a professora Regina Kuvada:

Posso dizer — sem medo de errar, mesmo que seja uma percepção pessoal — que, entre 2004 e 2016, vivemos um período em que a juventude estava muito mais presente. Lembro bem que, em 2016, quando vimos os estudantes ocupando escolas, aquilo me marcou profundamente. Pensei: ‘Poxa, tem muita gente ali, naquela ocupação, que é cria daquele momento que vivemos no FERA’. E senti que precisava defender aquilo. ‘Eu tenho que defender isso aqui. Tenho que defender essa história. Isso aqui é meu. Isso aqui também é meu.’ Porque essa não é uma construção do governo ou de qualquer governo. É uma construção nossa, da comunidade. E nós também fizemos parte daquele momento da ocupação. (KUVADA, 2025).

Dessa forma, essa pesquisa procurou compreender como uma concepção educacional voltada para a formação integral dos estudantes pode também ressignificar a escola para o conjunto da sua comunidade. E, assim, politicamente demarcar a necessidade de retomada do horizonte de uma escola que reconheça seus sujeitos como protagonistas do processo educacional.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, interculturalidade:** as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 38, p. 45–54, 2008.

CARRANZA, Valentina; SIQUEIRA, Vera Helena F. de; SILVA, Marcell R. O hip hop como pedagogia das juventudes: encontro possível entre o multiculturalismo crítico, a pedagogia social e a educação popular. **Revista Ibero-americana de Educação**, n. 75, p. 45-68, 2017.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). **Juventude e ensino médio:** sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-134.

DIAS, Cristiane Correia. **Por uma pedagogia Hip-Hop:** o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica. 2018. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

GERALDI, Isabele Cristine. Entrevista concedida a Kelem Ghellere Rosso e Marlon Renan Graça. Presencial. Paranaguá, em 06 de maio de 2025.

GOLDENSTEIN JUNIOR, Hermes. Entrevista concedida a Rhayssa Gonçalves. Paranaguá, 28 mai. 2025.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

KUVADA, Regina Helena Assumpção. Entrevista concedida a Rhayssa Gonçalves. Paranaguá, 26 mai. 2025.

NONATO, Simone P.; DAYRELL, Juarez et al. Por uma pedagogia das juventudes. In: DAYRELL, J. (org.). **Por uma pedagogia das juventudes**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

PINGUELLI, Leticia Caetana Bello. Entrevista concedida a Kelem Ghellere Rosso e Marlon Renan Graça. *GoogleMeet*, em 28 de abril de 2025.

QUINTO, Wellington S. Entrevista concedida a Kelem Ghellere Rosso e Marlon Renan Graça. *GoogleMeet*, em 23 de maio de 2025.

ROSSO, Kelem Ghellere; VIEIRA, Rhayssa Gonçalves. Escola e Juventude: o movimento Hip-Hop como ferramenta de formação social. In: 9º Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica. 2025. São Paulo. Anais eletrônicos [...]. 2025. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122113>. ISBN: 978-65-5222-054-7.

ROSSO, Kelem Ghellere; GRAÇA, Marlon Renan. Coreografando trajetórias: aproximações entre educação e trabalho por meio do movimento Hip-Hop. In: 22 Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia. 2025. São Paulo. Anais eletrônicos [...]. 2025. Disponível em: <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9BUiFVSZPXCi6XCI1NDgzXCJ9IiwiaCI6ImQ5Y2U0Zjg0ZjVmNzg3MTdjZjExMjg0ZjYzMxNmVmYTFlbn0%3D>